

O POLÍTICO SOB RELATO NA MÍDIA IMPRESSA

POLITICAL DISCOURSE AS REPORTED IN THE PRINT MEDIA

Patricia Ferreira Neves Ribeiro¹
Teresinha Souto de Azevedo Campos²

RESUMO: Procede-se, nesta pesquisa, à investigação de falas proferidas por políticos e reenunciadas por meio de manchetes narrativas publicadas nas capas dos jornais *O Globo* e *Extra*. Considerando o dito relatado como uma das condições enunciativas da informação midiática, esse fenômeno é problematizado, com apoio na Semiolinguística, pela análise das estratégias que o colocam em uso na imprensa. Assim, esta pesquisa debruça-se sobre um *corpus* de ditos relatados, cujas fontes de informação são figuras políticas, dados a partir de notícias enunciadas sobre um mesmo fato. Os resultados revelam que as estratégias mobilizadas consolidam a produção de efeitos de sentido que atestam certa infidelidade relativamente ao dito de origem. Isso significa dizer que em ambos os jornais insurge-se uma conduta de maior engajamento pela instauração de certa polêmica diante do acontecimento midiático.

PALAVRAS-CHAVE: mídia impressa; dito relatado; discurso polêmico.

ABSTRACT: The present research proposes to analyse statements made by politicians and strategically re-announced by the newspapers *O Globo* and *Extra*. Considering that reported speech is one of the enunciative conditions of the media information, this phenomenon is problematized, based on the Semiolinguistic theory, by the analysis of the strategies that underlie it in the press. Thus, this research focuses on a corpus of reported statements based on news about the same facts and whose sources of information are political figures. The results show that the strategies used produce meaning-effects which reveal the speeches reported may not be faithful to the original statements. This means that in both newspapers a greater engagement attitude arises by the establishment of a certain polemic regarding the media event.

KEYWORDS: print media; reported speech; polemical discourse.

Primeiras considerações

“Em entrevista, o senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e ‘não está sendo homem de palavra’.”. Esse é o subtítulo de uma das manchetes de capa do jornal *O Globo* publicado no dia 05 de fevereiro de 2017. A propósito desse mesmo recorte temático – ligado à política local do Rio de Janeiro – o jornal *Extra* publica, também em sua capa do dia 05, o seguinte relato: *“Baixinho diz ter sido enganado pelo governador e afirma que prefeito não está tendo palavra de homem.”.*

¹Doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), UFF, e Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. E-mail: patricianeves@id.uff.br.

²Mestre em Estudos de Linguagem, UFF, e Especialista em Língua Portuguesa, UFF. E-mail: tsacampos@gmail.com.

As vozes dissonantes que figuram nesses fragmentos extraídos de dois jornais de grande circulação no estado do Rio de Janeiro, sendo um de referência e outro popular (AMARAL, 2006), suscitam alguns questionamentos e instauram uma polêmica. No papel de (in)formar o cidadão em uma sociedade democrática, a imprensa trata de fazer ecoar as diversas falas circulantes no espaço público. Ecoando tais falas, não se mostra, entretanto, isenta no jogo de divulgação das palavras do outro, seja por mascará-las, modificá-las e/ou transformá-las, de modo voluntário ou não. Sob essa direção, acenamos, neste artigo, para questões acerca das estratégias postas em uso pela mídia escrita na dinâmica de relatar o dito do outro, no âmbito do fenômeno mais amplo da heterogeneidade enunciativa, e das polêmicas construções de sentido decorrentes.

Na imprensa, distingue-se, dentre as possíveis formas de heterogeneidade, o discurso relatado – inegavelmente, uma das condições enunciativas da informação midiática. Historicamente, o fenômeno do dito relatado na imprensa parece ter se tornado mais frequente depois do início do século XX, com o declínio do jornalismo de tribuna e da imprensa militante (MENDES, 2013, p.364), considerado “vetor da palavra do político ou do cidadão na tribuna” (CHARAUDEAU, 2006, p. 168). A partir daí, “no lugar de jornal-órgão, desenvolveu-se a imprensa-reflexo (de acontecimentos) e a imprensa-eco (de vozes, que não a sua)” (MOUILLAUD, 2002, p.117). As estratégias postas em uso pela imprensa-eco ganham interesse particular neste trabalho, que se volta, mais especificamente, para a investigação do emprego do dito relatado em capas dos jornais *Extra* e *O Globo*.

O discurso relatado define-se como o ato de enunciação por meio do qual um locutor relata o que foi dito por outro locutor, dirigindo-se a um interlocutor que, como lembra Charaudeau (2006, p.161), não é, em princípio, o de origem. Assim, o discurso relatado configura-se como resultado do encaixamento de um dito no outro e de uma sobreposição de locutores e de interlocutores, ora explicitados, ora apagados. Na mídia, especialmente, esse encaixe não se dá sem que haja transformações enunciativas do já dito, seja no sentido de apropriação, seja no de rejeição do dito de origem pelo locutor-relator. Charaudeau (2006, p.162) chama nossa atenção para o fato de que “é nesse jogo de marcação-demarkação, por um lado, não marcação-integração, de outro, que se situa o discurso das mídias de informação.”.

Este trabalho debruça-se, justamente, sobre esse jogo de demarcação ou apagamento das falas proferidas por políticos que foram relatadas de modo diverso por dois diferentes jornais pertencentes à mesma organização jornalística – *Extra* e *O Globo* – a partir de textos centrados sobre fato idêntico. Em nosso trabalho de investigação, percebemos que esses relatos deixam brechas para uma análise acerca dos possíveis cálculos estratégicos do declarante em relação a certa infidelidade quanto à maneira de relatar a palavra alheia.

Com efeito, sob a reflexão desses jogos estratégicos do discurso relatado, em uso nos dois jornais, apostamos que o emprego de tal fenômeno ora está a serviço da credibilidade, em obediência a uma lógica cidadã, ora da captação, em atenção a uma lógica comercial, tomadas como dupla finalidade do discurso da imprensa. Como *O Globo* e *Extra* não ignoram essa tensão entre credibilidade e captação, o jogo que instauram a propósito do dito relatado – cuja figura política é, neste trabalho, a origem da informação – dá-se, inegavelmente, segundo o compromisso de cada veículo.

O Globo e *Extra*, embora filiados à mesma organização jornalística, possuem compromissos distintos em relação aos diferentes sujeitos destinatários que projetam. O primeiro, caracterizado como um jornal de referência por ter prestígio e credibilidade junto aos formadores de opinião e ser dirigido às classes A e B, projeta um leitor que deve ser um sujeito político e conhecedor do que acontece no mundo para que possa agir sobre ele; o segundo, tomado como um jornal popular, dirige-se a um leitor normalmente de baixa renda, dependente do assistencialismo e desejoso por ver a publicação das injustiças sofridas “por ele” no cotidiano.

Essas diferenças entre cada tipo de jornal, relativas ao público-alvo ideal, com características culturais bem definidas, refletem-se nas escolhas que cada um faz, por exemplo, quanto à tematização da informação, à seleção das fontes e ao emprego e modo de reprodução dos ditos relatados. Quanto à temática em pauta, Amaral (2006, p.52) salienta que enquanto os jornais de referência tendem a publicar notícias de interesse público, universalizando a informação, os jornais populares propõem-se a noticiar interesses do público, com foco na individualização do fato informativo. Na esteira dessa dicotomia, Amaral (2006, p.63) mostra que, num caso e no outro, as matérias publicadas serão dotadas de certas qualidades em vista de se agradar a seu público-alvo. Tais qualidades são denominadas valores-notícias, os quais, na imprensa

de referência, identificam-se, dentre outros aspectos, com o grande impacto gerado, com a relação frente às políticas públicas e com a geração de desdobramentos; já na imprensa popular, tais valores ancoram-se no potencial de entretenimento, utilidade, proximidade e identificação das personagens com o leitor. Em razão desses valores-notícias, torna-se difícil os dois jornais examinados neste artigo abordarem – sobretudo em suas capas – o mesmo fato e, conseqüentemente, ditos relatados correlacionados.

Das capas do jornal *Extra*, pesquisadas entre os anos de 2014 e 2017, apenas em 25 flagramos o político sob relato; no contraponto, em *O Globo*, testemunhamos haver, neste mesmo período, 107 ditos relatados oriundos das falas de personagens políticas locais e nacionais. Esses dados atestam mesmo a dificuldade de capturarmos, simultaneamente, a mesma voz política relatada na capa dos dois jornais. Quando essa ocorrência comum se dá, a hipótese aventada é a de que cada um dos periódicos produza estrategicamente, na passagem do dito de origem ao derivado, diferentes encenações flagradas em relação aos seguintes parâmetros de análise dados no interior da Teoria Semiolinguística do Discurso (CHARAUDEAU, 2006): modos de identificação das fontes e de reprodução do dizer alheio; modos de citação (direto, integrado e narrativizado); e tipos de posicionamento do sujeito declarante.

O *corpus* em exame neste artigo assenta sua temática sobre as divergências entre o Senador Romário e o atual Prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella. Nos dias 05/02/2017 e 06/02/2017, *Extra* e *O Globo* noticiam em forma do gênero manchete³, de primeira página, a aliança desfeita entre os dois, por meio, sobretudo, da presença estratégica do discurso relatado – objeto primordial de estudo deste artigo.

As matérias de domingo (05/02), de um e de outro jornal, publicadas com destaque nas capas de ambos os veículos, são apresentadas no miolo do periódico sob o gênero entrevista, realizada com o ex-jogador e atual senador Romário. Dentre diversos assuntos, ele trata não só de questões ligadas à sua saúde e à política local do Rio de Janeiro, como também de sua relação com Marcelo Crivella. Já as matérias de segunda-feira (06/02), também destacadas pelos dois veículos em suas capas, figuram no interior dos jornais como notícias jornalísticas sobre a reação de Crivella às declarações de Romário, veiculadas no dia anterior.

³ Neste trabalho, seguimos a orientação de Lage (2006, p.72), para quem a estrutura da manchete engloba o título principal, subtítulo – frase colocada acima do título – e subtítulo, frase inserida abaixo do título.

As duas instâncias de comunicação empregam diferentes formas de reportar a fala dos políticos focalizados e, em consequência, acabam por produzir diferentes efeitos de sentido sobre o destinatário. Com vistas a elucidar o jogo estratégico posto em uso pelo dito relatado em cada um dos jornais, passaremos à análise das passagens seguintes:

Jornal	<i>Extra</i>	<i>O Globo</i>
Data	05/02/2017	05/02/2017
Manchete: sobretítulo, título e subtítulo	<i>Romário bate forte em Pezão e critica Crivella</i> (Título) <i>Baixinho diz ter sido enganado pelo governador e afirma que prefeito não está tendo palavra de homem</i> (Subtítulo)	<i>Aliança que virou mágoa</i> (Sobretítulo) <i>Romário no ataque a Crivella</i> (Título) <i>Em entrevista, o senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e ‘não está sendo homem de palavra’</i> (Subtítulo)
Data	06/02/2017	06/02/2017
Manchete: sobretítulo, título e subtítulo	<i>Crivella abre diálogo, mas Romário bate-boca</i> (Título) <i>Prefeito desmente ex-craque sobre relações após a eleição. Baixinho o chama de mau-caráter</i> (Subtítulo)	<i>Ex-aliados em choque</i> (Sobretítulo) <i>Crivella rebate ataque de Romário</i> (Título) <i>Prefeito diz que convidou senador para integrar seu governo. Ex-jogador chama Crivella de mentiroso</i> (Subtítulo)

Sob esse fundamento teórico-metodológico principal, passaremos, na próxima seção, à análise de uma voz política que foi agenciada, de modos distintos, pelos jornais *O Globo* e *Extra*, suscitando, inegavelmente, construções diferenciadas de sentido para o “mesmo” relato político.

De relato em relato: a polêmica construção do acontecimento político

No âmbito de uma reenunciação restrita, focalizamos, em *O Globo* e no jornal *Extra*, algumas estratégias de uso do dito relatado em relação ao dito original. A partir desse ponto, passaremos a elucidá-las, fazendo, conjuntamente, uma apreciação crítica.

Para tanto, nos serviremos, basicamente, de parâmetros teórico-metodológicos tomados da Semiologia de Charaudeau (2006), no que concerne à descrição das maneiras de relatar e aos problemas do dito relatado nas mídias, sendo eles: categorias linguísticas de denominação, determinação e modalização, no escopo dos modos de identificação; modos de reprodução; modos de citação; e tipos de posicionamento. Vale acrescentar que esses parâmetros serão postos, na análise, em diálogo com os conceitos de retextualização (MARCUSCHI, 2004) e sobreasseveração (MAINGUENEAU, 2008).

Relativamente à operação de identificação da fonte do dizer e às categorias linguísticas das quais tal fonte depende (denominação, determinação e modalização), verificamos, em *O Globo* do dia 05/02, a presença de um locutor de origem retomado por seu notório título, o de senador: “Em entrevista, o senador Romário diz que o prefeito Crivella...” (grifo nosso). No dia seguinte, o jornal dá voz ao ex-jogador, por meio, justamente, dessa designação: “Ex-jogador chama Crivella de mentiroso.” (grifo nosso). Já no jornal *Extra*, a identificação do “mesmo” declarante é feita, no título, pela indicação do prenome: “Romário (...) critica Crivella” e, no subtítulo, por menção ao apelido dado a Romário nos tempos de craque da seleção brasileira de futebol: “Baixinho diz ter sido enganado pelo governador...” (grifos nossos). Essas escolhas lexicais empregadas pelo jornal *Extra* na denominação do locutor de origem repetem-se no dia seguinte, como comprovam trechos do título e subtítulo de uma das matérias de capa: “... mas Romário bate-boca” e “Baixinho o chama de mau-caráter” (grifos nossos).

Em referência a Crivella, apenas na edição de segunda-feira (06/02), ele é alçado à condição de locutor de origem, quando os jornais coletam a reação do prefeito às declarações feitas por Romário no dia anterior. Em 06/02, é referenciado, em um e outro jornal, por seu patronímico e seu cargo político atual, como mostram as passagens a seguir: “Crivella rebate Romário” e “Prefeito diz que convidou senador...” (*O Globo*); e “Crivella abre diálogo...” e “Prefeito desmente ex-craque...” (*Extra*) (grifos nossos).

Das seleções lexicais efetuadas, verificamos, em termos de denominação, que, embora Marcelo Crivella seja identificado do mesmo modo pelas duas instâncias midiáticas (“Crivella” e “Prefeito”), o mesmo não ocorre na identificação proposta para o ex-jogador e atual senador. Dessa diferença, vale ressaltar que Romário é denominado

em *O Globo* por um nome que o identifica à sua função no passado e no presente, isto é, relacionada ao mundo esportivo e ao universo político: “Ex-jogador” e “senador Romário”. Por sua vez, o jornal *Extra* trata de identificá-lo, além do prenome, pelo emprego de sua alcunha – “Baixinho”.

Tais escolhas para denominação dos locutores de origem dos ditos relatados sob análise – nada anônimas, vagas ou coletivas – são sintomáticas da constante busca pela credibilidade por parte das instâncias midiáticas. Assim, ao veicularem uma informação pondo em cena designações que apontam ora para o patronímico (“Crivella”), ora para a função exercida pelo locutor original (“Ex-jogador” e “senador”) e até para o apelido amplamente conhecido em território nacional (“Baixinho”), os organismos de informação tornam a fonte do dizer identificável e, em consequência, a notícia digna de crédito. Parecem proteger-se, desse modo, contra possíveis acusações.

Além disso, cabe acrescentar que a categoria linguística da determinação – ligada à denominação – encontra terreno fértil para análise quanto ao emprego dos termos “Baixinho” (*Extra*) e “Ex-jogador”/“Senador” (*O Globo*). O uso da designação afetiva, autorizada no jornal *Extra* – mas não em *O Globo* – assinala o tipo de relação que os jornais se atribuem. O modo de tratamento dos atores do espaço público e, nesse caso, político, evidencia que, enquanto ao jornal *Extra* é permitido um tratamento da figura política que traduz maior proximidade afetiva da pessoa, ao jornal *O Globo*, impõe-se tratamento mais distanciado e cerimonioso.

Todo esse exame nos leva a constatar que o modo de identificação proposto no interior de cada organismo midiático produz imagem que enseja ora mais familiaridade – no caso do jornal *Extra* – ora mais respeito, no sentido de distanciamento, – no caso de *O Globo* – relativamente ao mundo político.

Essas análises clamam, neste momento, por uma aproximação teórica, que nos parece oportuna. Em seus estudos sobre discurso citado, Maingueneau (2008) introduz as noções de sobreasseveração e sua correlata, a de sobreasseverador. Estando muito presente nas mídias contemporâneas, a sobreasseveração “implica um tipo de ‘amplificação’ da figura do enunciador, manifestando um *ethos* apropriado” (2008, p.82), justamente o do sobreasseverador, e caracteriza, dentre outros aspectos, um enunciado em posição de destaque no texto, atribuindo-lhe o “estatuto de um condensado semântico” (2008, p.82).

No bojo de suas reflexões, o teórico francês evidencia que nem sempre o sobreasseverador pode coincidir com o locutor do texto de origem. Essa ponderação nos remete à problemática inscrita no *Extra* e em *O Globo* com relação às distintas formas de identificação/determinação do locutor de origem que comparecem nos dois jornais. Enquanto no jornal *O Globo* quem fala a respeito da falta de compromisso de Crivella é o “senador Romário”; no *Extra*, ganha voz o “Baixinho”. Assim, ainda que se constate a existência de um mesmo locutor de origem, os sobreasseveradores (presentes no “mesmo” fragmento destacado da entrevista concedida por Romário) são outros. Nesse sentido, o que está em jogo é mais o efeito da sobreasseveração do que sua fonte.

Do jornal *O Globo*, depreende-se um efeito de sentido de seriedade e distanciamento em relação ao mundo político. Quem sobreassevera na capa desse jornal de referência é alguém cuja marca de deferência se explicita: quem fala é o senador da república. Por sua vez, do jornal *Extra*, extrai-se um efeito de sentido de familiaridade e de proximidade relativamente ao mundo político. O sobreasseverador revelado na capa desse jornal popular é aquele que construiu, ao longo da bem-sucedida carreira nos campos, relação de afeto com a torcida brasileira: quem fala é um dos mais habilidosos craques da seleção nacional de futebol. Nessa direção, como bem ressalta Maingueneau (2008, p.91), o que tais sobreasseveradores enunciam é uma “verdade refletida”. Em suma, o que vemos, nesse caso, é um “desacordo essencial entre o locutor efetivo e esse mesmo locutor considerado sobreasseverador de um enunciado que foi destacado pela máquina midiática: esse sobreasseverador é produzido pelo próprio trabalho de citação.” (MAINGUENEAU, 2008, p.91).

Ainda no escopo do parâmetro de análise “modo de identificação”, tratemos de radiografar o *corpus* segundo a categoria linguística da modalização em face aos demais aspectos selecionados para o exame dos ditos relatados em tela, a saber: modos de reprodução; modos de citação; e tipos de posicionamento (CHARAUDEAU, 2006). Como bem ressalta Charaudeau (2006, p.171), “a modalização é o meio de que dispõe o locutor relator para expressar a atitude de crença para com a veracidade dos propósitos do locutor de origem” e essa atitude depende dos aspectos relacionados da reprodução, citação e posicionamento.

A partir do dito de origem – no caso de nosso *corpus* passível de ser depreendido das entrevistas dadas por Romário e Crivella às Organizações Globo – é possível tecer

comparações entre o enunciado original, com sua enunciação primeira, e o derivado, sob nova enunciação. Desse modo, flagramos as distintas formas de intervenção (posicionamento) dos locutores-relatores *O Globo* e *Extra* (editores/jornalistas) sobre o discurso citado, reveladoras dos pontos de vista da instância midiática, nem sempre coincidentes com as dos locutores de origem.

No que concerne aos modos de citação, debruçando-nos sobre o *corpus* por meio do confronto entre o dito de origem e o relatado em um e outro jornal, verificamos que há, nos dois periódicos, o emprego do dito relatado através de um modo de citação integrada. Percebe-se que o dito de origem é *integrado parcialmente*, na terceira pessoa, ao dizer daquele que relata, com mudanças no enunciado original:

Edição de 05/02/2017	Dito de origem	Dito relatado
<i>O Globo</i>	“Do Crivella, ainda não (me arrependo), apesar de estar fazendo várias besteiras, coisas que eu não faria...” e “Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra”.	“Em entrevista, o senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e ‘não está sendo homem de palavra’”.
<i>Extra</i>	“Há corrupção, sujeira, enganação.../ Fui. Fui vítima do Pezão... Entrei pra campanha do Crivella no primeiro turno... Depois de eleito, ele me chamou e me convidou para participar da administração dele... Mas ele sumiu” e “Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra”.	“Baixinho diz ter sido enganado pelo governador e afirma que prefeito não está tendo palavra de homem”.

A primeira mudança que se explicita na passagem do dito de origem ao dito relatado diz respeito à seleção dos verbos que atuam na descrição do modo de declaração, ou seja, dos verbos *dicendi* utilizados – introdutores de fala reportada. Tanto *O Globo* como o jornal *Extra* selecionam o verbo “dizer” para reportar a fala do

entrevistado. Segundo Maingueneau (1997), esse verbo integraria o quadro dos verbos avaliativos a demonstrar a intencionalidade do locutor-relator, sendo, nesse caso, a de um efeito de imparcialidade.

Esse efeito, contudo, é obscurecido mais plenamente no *Extra* a partir do emprego de mais dois verbos *dicendi*: “afirma” (“... e afirma que prefeito...”) e “critica” (“... critica Crivella”) no âmbito da citação integrada. Tais verbos parecem pertencer a um mesmo campo semântico, operando, no entanto, um processo gradativo na amostragem da intencionalidade do locutor de origem (*diz-afirma-critica*): de um efeito de imparcialidade a um efeito de polemização. Já, em *O Globo*, tal efeito de imparcialidade dá também lugar a um efeito de polemização, mas no bojo da citação narrativizada “Romário no *ataque* a Crivella”, em que o locutor de origem é, de certa forma, fagocitado pela instância midiática e o dito original resumido em um nome: “ataque”. Essa citação narrativizada ganha destaque na capa de *O Globo* por dar título à entrevista que aparecerá na página 13 do primeiro caderno do jornal.

Essa manchete de *O Globo*, centrada sobre o nome “ataque”, demonstra uma forma de intervenção do locutor-relator – relativamente ao parâmetro de análise posicionamento – no sentido de operar transformação na significação enunciativa da declaração de origem, transformando o dito: “*Do Crivella, ainda não (me arrependo), apesar de estar fazendo várias besteiras, coisas que eu não faria...*” e “*Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra*”, em “ação de dizer”, e o locutor de origem, em agente dessa ação. Relatar tal ação como o que se apresenta no texto do próprio jornal: “*O senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e não está sendo homem de palavra*” parece mais fiel do que o relato que se faz pelo uso do nome “ataque” (“Romário no ataque a Crivella” – grifo nosso). Nesse caso, o locutor-relator passa a explicitar o que está implícito, a saber, que Romário assume o papel de um juiz a tomar o outro como culpado. Além disso, permite, por inferência, tecer relações entre sua atuação como político e como jogador de futebol, brilhante atacante dos times em que jogou.

Por sua vez, o jornal *Extra* promove intervenções, enquanto locutor-relator, nas palavras do enunciado de origem, operando transformações tanto de ordem lexical, quanto da ordem da modalidade, as quais alteram a própria enunciação de origem. A análise da passagem do dito original: “*Há corrupção, sujeira, enganação.../ Fui. Fui*

vítima do Pezão...” ao dito derivado: “*Baixinho diz ter sido enganado pelo governador*” revela por meio da operação de retextualização – entendida como uma espécie de reescrita que produz mudanças de um texto para o outro (MARCUSCHI, 2004) – dada por apelo à substituição, a transformação da modalidade de “afirmação” (Eu sustento = Eu declaro que fui vítima de Pezão) em modalidade de “dúvida” (Ele sustentou = Ele declarou sob sua própria responsabilidade). O emprego diferenciado entre “foi” e “ter sido” engrossa o coro a favor da modalidade da dúvida que paira sobre o dito relatado em questão e marca certa distância com relação à veracidade da declaração. Como bem ressalta Charaudeau (2006, p.174), tal tipo de intervenção “deixa a moral a salvo, pois não é o discurso de origem que se modifica, mas sim a explicitação da atitude enunciativa do locutor-relator”.

Do mesmo modo, o apelo à substituição do termo “vítima” pelo nome “enganado” suaviza a declaração original. O sentido de “vítima” aponta para o de sujeito que sofre uma arbitrariedade, totalmente desprovido de culpa, suscitando no destinatário um sentimento de piedade em relação a “Romário” e, ao mesmo tempo, de algoz relativamente ao atual governador do Rio de Janeiro, “Pezão”⁴. Já o valor semântico-discursivo de “enganado”, embora enseje a ideia de “traído na confiança”, desencadeia sobre o governante certo amortecimento de culpa.

Na busca ainda por refletir sobre o problema da fidelidade quanto à maneira de relatar a palavra do outro, visualizamos mais uma ocorrência a ser tratada neste artigo. Trata-se ainda do que figura na capa do jornal *Extra* a propósito dos seguintes fragmentos em confronto: “*Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra*” – dito de origem – e “*... afirma que prefeito não está tendo palavra de homem*” – dito relatado.

Observamos haver clara intervenção nas palavras do enunciado de origem, por meio da estratégia da transposição (KOCH, 2006, p.150), no quadro do processo de retextualização: a expressão de origem “homem de palavra” é adulterada para “palavra de homem” no dito derivado. O apelo a esse recurso na confecção do dito relatado gera certa contradição em relação ao texto fonte. Ao afirmar que Crivella não é “homem de

⁴ Embora a questão do dito relatado, neste trabalho, esteja vinculada primordialmente à temática da aliança desfeita entre Romário e Crivella, por haver na manchete sob análise a produção de uma fala reportada em direção a Pezão – atual governador do Estado do Rio de Janeiro – procedemos a seu exame também.

palavra”, constrói-se um efeito de sentido que aponta para o questionamento da honra e da honestidade do atual prefeito. Por outro lado, da afirmação de que Crivella não está tendo “palavra de homem”, salienta-se uma construção de sentido ligada à covardia do sujeito público. Acrescentamos ainda a essa avaliação a que decorre da transformação lexical por substituição do verbo “ser” do dito de origem (“... ele não está sendo homem de palavra.”) pela forma verbal “ter” do dito derivado (“... prefeito não está tendo palavra de homem”). O dito relatado transforma a descrição de um traço de caráter essencial em um aspecto característico de personalidade mais transitório.

Conferimos, por meio das análises expostas, como o jornal popular, no caso o *Extra*, sente-se completamente à vontade para modificar as falas citadas, fazendo isso de modo explícito. Em consequência, o que disso resulta é uma forte dissociação entre o dito relatado e o dito de origem. No jornal de referência, como *O Globo*, por sua vez, observamos um maior compromisso em manter o *ethos* objetivo e sério do periódico, não se dando o direito de alterar, pelo menos explicitamente, as falas citadas. Nesse sentido, constatamos estarem os enunciados citados mais próximos do texto de origem. A passagem a seguir mostra que, no trabalho de reescritura, o locutor-relator opta por preservar a fala do locutor de origem por apelo ao emprego do recurso tipográfico das aspas: “o senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e ‘não está sendo homem de palavra’”.

Segundo Maingueneau (2002, p.161), sob este ato de preservação, opera-se, simultaneamente, a utilização do dito e sua menção, o que configura uma forma híbrida: “mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados”. A esse fragmento – no nosso caso indicado por aspas – dá-se o nome de “ilha textual” ou “ilha enunciativa”; ilha esta que aparece perfeitamente integrada à sintaxe proposta pelo relator.

Ao optarem pelo emprego das ilhas textuais, os editores/jornalistas parecem querer apagar-se, colando-se à linguagem e ao ponto de vista do sujeito que fala e procurando restituir as palavras originais. Como continuaremos a examinar, veremos que esse recurso nada mais é do que mais uma estratégia para aparentar que não há adulterações na passagem do dito de origem ao derivado.

A despeito, entretanto, da preservação de uma imagem de maior rigor e seriedade por parte do jornal de referência, a verdade é que um exame mais detido do

dito relatado focalizado revela que, mesmo neste tipo de jornal, há grande complexidade. Em termos da enunciação propriamente dita, questionamos a retomada exata da citação original. Com vistas a reforçar o caráter autônomo e lapidar do enunciado “não está sendo homem de palavra”, são eliminadas modulações enunciativas importantes para a produção de determinados efeitos de sentido.

Uma orientação argumentativa complexa, segmentada em pelo menos seis frases, com modulações do locutor de origem, é então transformada em oração única, de tom sentencial, conforme se observa no confronto entre as passagens a seguir destacadas, sendo a primeira da entrevista e a segunda, do dito relatado:

- 1) *“Quase fui expulso do partido. Ele tem que ser homem e cumprir a palavra dele. De prefeito e de homem, que não está sendo comigo. Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra. Tem que ter a atitude de me ligar, me chamar no gabinete dele e dar uma satisfação...”* (Trecho da entrevista com Romário, extraído da p. 13 de *O Globo* de 05 de fevereiro de 2017).
- 2) *“Em entrevista, o senador Romário diz que o prefeito Crivella tem feito ‘várias besteiras’ e ‘não está sendo homem de palavra’”.* (Capa do primeiro caderno de *O Globo* de 05 de fevereiro de 2017).

Frente ao dito relatado, a modulação adversativa encontrada entre as orações: “Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra”, que pode ser reescrita como: Não vou nem dizer que ele é safado, MAS vou dizer que ele não está sendo homem de palavra, dá lugar a uma orientação argumentativa própria da adição. No primeiro caso, o *mas_{SN}* retificador⁵, implícito, orienta o texto do enunciador de origem para a tese de que Crivella depõe contra sua própria honestidade, sem, entretanto, alçá-lo à condição de que seja “safado”. Tal modulação indica que o locutor de origem quer se poupar de maiores polêmicas junto ao prefeito. No segundo caso, esse efeito de sentido é apagado dando lugar a uma orientação argumentativa enunciativa da tese de que Crivella tem feito várias besteiras, *além de* não estar sendo homem de palavra. Na escala argumentativa proposta no dito relatado, o argumento “não ser homem de palavra” é decisivo para sentenciar

⁵ Na Semântica da Enunciação (DUCROT, 1987), distinguem-se dois sentidos de *mas*: o *mas_{PA}* e o *mas_{SN}*. O primeiro caracteriza-se por apresentar um raciocínio inferencial e o segundo, um raciocínio reparador.

negativamente o prefeito; por sua vez, sob a orientação argumentativa do dito original, o argumento “não ser homem de palavra” quer evitar que acusações mais pesadas, e até injustas, recaiam sobre o prefeito. Em suma, tal intervenção no dito relatado transforma, sutilmente, a posição enunciativa assumida pelo locutor de origem: da ponderação original chega-se a uma polêmica derivada.

O que ocorre em *O Globo* prova que a modificação das falas citadas não é, portanto, fenômeno exclusivo da imprensa popular, embora se dê de forma mais explícita neste segmento. Assim, verificamos também que o jornal *Extra* não fica imune às distâncias entre as modulações do dito de origem e as do dito relatado, como, oportunamente, podemos atestar pela comparação entre as passagens:

- 1) “*Quase fui expulso do partido. Ele tem que ser homem e cumprir a palavra dele. De prefeito e de homem, que não está sendo comigo. Não vou nem dizer que ele é safado. Vou dizer que ele não está sendo homem de palavra. Tem que ter a atitude de me ligar, me chamar no gabinete dele e dar uma satisfação...*” (Trecho da entrevista com Romário, extraído da p. 14 do jornal *Extra* de 05 de fevereiro de 2017).
- 2) “*Baixinho diz ter sido enganado pelo governador e afirma que prefeito não está tendo palavra de homem*” (Capa do primeiro caderno do jornal *Extra* de 05 de fevereiro de 2017).

Do mesmo modo que em *O Globo*, no jornal *Extra* a posição enunciativa do locutor de origem sofre inegável transformação no dito relatado; a afirmação sentenciosa sobre Crivella soma-se ao argumento contra Pezão na defesa da tese de que a política parece ser mesmo indigesta.

As análises realizadas até aqui nos convidam a pensar em consonância com Charaudeau (2006, p.19) que a imprensa parece mesmo não ecoar o que ocorre na realidade social; ao contrário, impõe aquilo que constrói do espaço público.

A imprensa sob suspeita

Neste artigo, tecemos um caminho de interpretação de manchetes jornalísticas – publicadas nas capas dos jornais *Extra* e *O Globo* – cuja confecção atrelou-se ao emprego do discurso relatado. A partir de notícias jornalísticas pautadas sobre um mesmo acontecimento midiático, apreciamos as diferentes estratégias postas em uso pelos dois jornais ao reportarem um mesmo dito de origem. Para tanto, relacionamos, neste artigo, conteúdo teórico-metodológico oferecido no seio da Semiologia

(CHARAUDEAU, 2006) acerca do dito relatado às considerações propostas por Marcuschi (2004) e Maingueneau (2008) sobre os respectivos procedimentos de retextualização e sobreasseveração, os quais são incremento importante ao estudo da citação.

Com esse respaldo teórico e metodológico, verificamos que as estratégias mobilizadas em ambos os jornais para a construção do dito relatado consolidam a produção de efeitos de sentido que atestam certa infidelidade relativamente ao dito de origem. Isso significa dizer que tanto no jornal popular *Extra*, quanto no jornal de referência *O Globo* a suposta imparcialidade do relator parece mesmo dar lugar a uma conduta de maior engajamento pela instauração, inclusive, de certa polêmica, diante do acontecimento midiático.

Há que se ressaltar, contudo, que as estratégias linguístico-discursivas empregadas por cada uma dessas instâncias comunicativas na construção do dito relatado são diferentes. Tal diferença reflete-se a partir do jogo enunciativo escolhido por cada jornal em vista da finalidade predominante em cada caso. O jornal *O Globo*, filiado que está ao chamado jornalismo de referência, projeta um leitor ideal interessado no mundo público. Nesse sentido, assume o compromisso ético de apurar e publicar a “verdade” dos fatos de interesse público, o que faz ao relatar o dito alheio pelo emprego, por exemplo, de aspas na garantia de uma aparente manutenção da fala alheia. Além disso, busca dar ao relato fidedignidade por referência à menção a fontes oficiais e especializadas, que têm legitimidade para falar à sociedade. A escolha pelo emprego do termo “senador”, por exemplo, em detrimento de “Baixinho”, é sintomática desse aspecto. Desse modo, *O Globo* constrói uma imagem de jornal credível a projetar uma neutralidade aparente filiada ao compromisso ideológico da visada da informação.

Quanto ao jornal *Extra*, por sua vez, a construção da imagem aponta para a de um jornal mais sedutor, a seduzir o público-alvo por meio da espetacularização, filiando-se, nesse caso, em maior escala, ao compromisso ideológico da visada da captação. O uso do termo “Baixinho”, por exemplo, para enunciar o locutor de origem, agora em detrimento a “senador” – na dinâmica da sobreasseveração – é pista inegável da busca por desejar afetar, emocionalmente, o interlocutor projetado, o qual, para o jornal popular, é aquele que quer ter maior identificação com a personagem noticiada.

Essas duas conclusões parecem, entretanto, encobrir certa complexidade de que a análise aqui realizada não consegue se livrar. Ainda que o jornal *O Globo* use estratégias de preservação de um *ethos* de seriedade e de objetividade na busca por ser credível, a forma de retomada do dizer alheio não fica imune a modulações criadas no interior do próprio jornal, conforme os dados analisados comprovaram acerca da passagem de uma enunciação adversativa de origem a uma enunciação aditiva derivada.

Somente o exame detido das maneiras de relatar o dito alheio em *O Globo* e *Extra*, que coloca em foco os modos de identificação dos locutores de origem, de reprodução e citação de seus dizeres, bem como os tipos de posicionamento das instâncias comunicativas, pode encaminhar o leitor crítico a ler o *político sob relato* com apoio na premissa de que a *imprensa deve estar sempre sob suspeita*.

Referências

- AMARAL, Marcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender o sentido do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006 (Séries Princípios).
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MENDES, Paulo Henrique Aguiar. Os processos enunciativos no discurso midiático: atos de fala e discurso relatado na imprensa escrita. In: EMEDIATO, Wander (org.). *A construção da opinião na mídia*. Belo Horizonte: FALE/UFGM. Núcleo de Análise do Discurso, 2013, p.363-376.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002.

RIBEIRO, Patricia Ferreira Neves; CAMPOS, Teresinha Souto de Azevedo. O político sob relato na mídia impressa. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.137-153, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Recebido em novembro de 2017.

Aceito em janeiro de 2018.